

"UM RETRATO ASSUSTADORAMENTE ÍNTIMO – E PRECISO – DE UMA MULHER PERSEGUIDA." *BOOKPAGE*

EU SEI ONDE
VOCÊ ESTÁ

CLAIRE KENDAL



EU SEI ONDE
VOCÊ ESTÁ

CLAIRE KENDAL

TRADUÇÃO DE DOMINGOS DEMASI



Copyright © Claire Kendal 2014

TÍTULO ORIGINAL
The Book of You

PREPARAÇÃO
André Marinho
Ilana Goldfeld

REVISÃO
Erika Nogueira
Juliana Pitanga
Juliana Werneck

DIAGRAMAÇÃO
Ilustrarte Design e Produção Editorial

DESIGN DE CAPA
Rafael Nobre | Babilonia Cultura Editorial

IMAGENS DE CAPA
Shutterstock

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

K43e

Kendal, Claire

Eu sei onde você está / Claire Kendal ; tradução Domingos Demasi. -- 1. ed. -- Rio de Janeiro : Intrínseca, 2017.
304 p. ; 23 cm.

Tradução de: The book of you
ISBN 978-85-510-0154-7

1. Romance americano. I. Demasi, Domingos. II. Título.

17-41157

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

[2017]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA INTRÍNSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21) 3206-7400

www.intrinseca.com.br

*Para meu pai, que me deu meu primeiro livro de contos de fadas.
E para minha mãe, que me ensinou a ler.*

Quanto a esta pequenina chave, é a do gabinete no fim da extensa galeria no térreo. Abra tudo, vá aonde quiser, mas, quanto ao gabinete, eu a proíbo de lá entrar, e a proíbo tão terminantemente que, se ousar abrir a porta, a ira que despertará em mim será capaz de qualquer coisa.

Barba-Azul, Charles Perrault

SEMANA I

A garota rodopiante

SEGUNDA – FEIRA

Segunda-feira, 2 de fevereiro, 7h45.

É você. Claro que é você. É sempre você. Alguém se aproxima pelas minhas costas.

Eu me viro e vejo você. Sabia que era você, mas, ainda assim, escorrego na neve. Tento me levantar, cambaleando. Minhas meias estão molhadas na altura dos joelhos. As luvas, completamente encharcadas.

Qualquer pessoa sensata no universo preferiria estar em casa numa manhã gelada como essa se pudesse escolher, mas não você. Você está do lado de fora, dando um passeiozinho. Estende a mão para me ajudar a levantar, pergunta se está tudo bem comigo, mas me esquivo, tentando não perder o equilíbrio outra vez.

Sei que você deve estar me seguindo desde que saí de casa. Não consigo me conter e pergunto o que está fazendo aqui, embora eu saiba que não vá dizer a verdade.

Suas pálpebras estão tremendo daquele jeito de novo. Acontece quando você fica nervoso.

— Eu estava apenas caminhando, Clarissa.

Claro, faz muito sentido, já que você mora numa cidadezinha a oito quilômetros de distância. Sua boca está pálida. Você morde os lábios, como se soubesse

que eles perderam o pouco da cor que normalmente têm e tentasse forçar o sangue a circular de novo.

— Você agiu de maneira estranha no trabalho, na sexta-feira, indo embora no meio daquela conversa. Todo mundo achou, Clarissa.

O modo como você fica dizendo o meu nome o tempo todo me dá vontade de gritar. E o seu nome se tornou repulsivo para mim. Tentei tirá-lo da minha cabeça, como se, ao fazer isso, de algum modo conseguisse tirar você da minha vida. Mas, ainda assim, ele entra ali, sorrateiro. Intromete-se. Assim como você. Repetidas vezes.

Você é aquele que está sempre presente. Isso é o que você é. De todas as maneiras.

Meu silêncio não o desencoraja.

— Você não atendeu ao telefone o fim de semana todo. Só respondeu a uma das minhas mensagens, e nem sequer foi gentil. Por que saiu de casa numa manhã dessas, Clarissa?

Só consigo raciocinar a curto prazo. Preciso me livrar de você. Tenho de evitar que você me siga até a estação e descubra aonde estou indo. Ignorar você não vai adiantar agora; a sugestão dada pelos folhetos não funciona na vida real. Duvido que alguma coisa funcione com você.

— Estou doente. — É mentira. — Foi por isso que fui embora na sexta-feira. Precisava estar no médico às oito.

— Você é a única mulher que já vi que continua bonita mesmo quando está doente.

Estou realmente começando a me sentir mal.

— Tive febre. Passei a noite vomitando.

Você levanta a mão na direção do meu rosto, querendo checar minha temperatura, e eu recuo.

— Eu acompanho você — diz, com a mão parada no ar; feito uma estranha lembrança de seu gesto descabido. — Não deve ficar sozinha — você fala deixando a mão cair pesadamente ao lado do corpo.

— Não quero contaminar você.

Apesar das palavras, acho que não demonstrei preocupação.

— Deixe-me cuidar de você, Clarissa. Está abaixo de zero... Você não deveria estar aqui com esse tempo, ainda mais com o cabelo molhado... Isso não pode ser bom para você. — Você tira seu telefone do bolso. — Vou chamar um táxi para a gente.

Mais uma vez, você me encurralou. A grade preta de ferro está logo atrás de mim, então não consigo me afastar mais; não quero escorregar e cair pelo vão — há uma queda de quase um metro até a estrada abaixo. Ando de lado, procurando uma nova posição, mas isso não o impede de se agigantar sobre mim. Você parece enorme nesse seu casaco cinzento e acolchoado.

A bainha do seu jeans está ensopada de tanto arrastar pela neve — você também não está cuidando de si mesmo. Seu nariz e suas orelhas estão vermelhos e machucados pelo frio cortante. Os meus também devem estar. Seu cabelo castanho está escorrido, apesar de provavelmente recém-lavado. Sua boca fechada, contraída, não relaxa nunca.

Um sentimento de pena acaba se apoderando de mim, por mais que eu me proteja contra isso e me afaste. Você deve estar perdendo o sono também. Ser rude ao falar com alguém, mesmo com você, vai contra o que meus pais me ensinaram. Mas, de qualquer modo, uma grosseria não faria você desaparecer agora. Sei muito bem que simplesmente me seguiria, fingindo não ouvir; e essa é a última coisa que eu quero.

Você digita no celular:

— Não. Não chame táxi nenhum.

Seus dedos param com a severidade da minha voz. E continuo:

— O médico não fica longe daqui.

E digo explicitamente:

— Não vou entrar num táxi com você.

Você aperta o botão vermelho e guarda o telefone no bolso.

— Anote o número do seu fixo para mim, Clarissa. Acho que perdi.

Nós dois sabemos que nunca lhe dei esse número.

— Mandei cancelar. Estou usando só o celular.

Mais mentiras. Em silêncio, agradeço aos céus por você, de algum modo, não ter visto e anotado o número quando estive no meu apartamento. Estou surpresa por você ter deixado passar essa oportunidade. Deve estar se mordendo de raiva por isso. Mas você estava ocupado na hora. Aponto para o topo da colina.

— Você deveria tentar caminhar por ali. — Brinco com seu desejo de me agradar, uma jogada cruel, mas estou desesperada. — É um dos meus lugares favoritos... Rafe.

Há uma longa pausa antes de conseguir proferir seu nome, mas eu o pronuncio e você não percebe nada; não lhe ocorre que apenas o agradei desse modo na esperança de que você fosse embora.

— Eu gostaria de fazer isso, se é algo especial para você, Clarissa. Sabe, tudo que eu quero é fazer você feliz. Se me deixar. — Você arrisca um sorriso.

— Adeus, Rafe.

Eu me forço a usar novamente seu nome e, quando seu sorriso se torna mais intenso e real, fico impressionada e me sinto um pouco culpada por você cair num truque tão ridículo.

Quase sem acreditar que consegui escapar, desço cuidadosamente a colina, checando toda hora para ver se a distância entre nós está aumentando. E você está sempre olhando para trás e acenando, então tenho de me forçar a retribuir, sem muita convicção.

De agora em diante, todas as manhãs, vou pegar um táxi até a estação e ficar olhando pelas janelas para ter certeza de que você não está me seguindo. Da próxima vez que topar com você, vou tentar raciocinar a longo prazo e obedecer aos folhetos. Vou me recusar a falar com você ou então lhe direi pela zillionésima vez — sem dar margem a dúvidas — que me deixe em paz. Até minha mãe acharia aceitável ser malcriada nessas circunstâncias. Não que passe pela minha cabeça preocupar meus pais contando a eles sobre você.

Fico rangendo os dentes na plataforma, aflita com a possibilidade de você se materializar enquanto ouço sobre cancelamentos e atrasos por causa do mau tempo nos alto-falantes.

Eu me apoio na parede e escrevo o mais depressa possível no meu caderno novo. É a primeira vez que uso. Ele é bem pequeno, para que eu sempre possa carregá-lo comigo, como os folhetos aconselham. É em espiral, com páginas pautadas. A capa é preta, fosca. As pessoas dos serviços de ajuda psicológica pelo telefone dizem que preciso de um registro completo. Que não devo deixar nada escapar e devo tentar escrever o mais rápido possível depois de cada incidente, não importa quão insignificante pareça. Mas seus incidentes nunca são insignificantes.

Estou tremendo tanto que me arrependo de não ter secado o cabelo. Saí correndo porta afora para evitar chegar atrasada, tinha perdido a hora por causa de pesadelos — com você, sempre com você. Teria dado tempo de usar o secador, embora eu não consiga calcular o tempo tão perfeitamente quanto consigo calcular seu próximo passo. Meus cabelos parecem varinhas mágicas de gelo, conduzindo o frio para as veias através da pele, um encanto congelando a carne, transformando-a em pedra.

★ ★ ★

Devia haver um mundo onde ele não estivesse, e ela achou que finalmente pudesse ter entrado nele. Retratos de juizes com expressão severa pendiam da parede oposta à escada de mármore. Subindo para o primeiro andar, Clarissa sentiu como se eles a observassem; mas não podia perder a esperança de que aquele poderia ser um lugar onde não seria espionada, um lugar do qual ela conseguiria mantê-lo longe.

Deixou o funcionário do tribunal inspecionar seu passaporte e a convocação, depois se sentou em uma das cadeiras de estofado azul. A sala estava maravilhosamente aquecida. Seus dedos do pé descongelaram. O cabelo secou. Parecia um lugar mágico, distante dos olhos dele. Apenas o júri tinha permissão para entrar, e todos os membros precisavam digitar um código em um teclado antes mesmo de conseguirem passar pela porta.

Ela se assustou com o estalido do microfone do funcionário do tribunal.

— As pessoas a seguir, por favor, poderiam ficar junto à bancada, para o julgamento de duas semanas que está para começar no tribunal 6?

Duas semanas inteiras no paraíso seguro de um tribunal. Duas semanas inteiras longe do trabalho e longe dele. O coração de Clarissa batia depressa, na esperança de ouvir seu nome sendo chamado. Ela afundou de volta em sua cadeira, decepcionada, pois não foi o que aconteceu.

Na hora do almoço, ela se forçou a deixar o santuário do tribunal: sabia que precisava de ar fresco. Do lado de fora das portas giratórias, hesitou, esquadrinhando a rua de um lado a outro. Ficou preocupada que ele pudesse estar escondido entre duas vans de serviços de limpeza, estacionadas a poucos metros mais à frente. Avançou rapidamente e passou pelos veículos, a respiração presa. Quando percebeu que ele não estava agachado perto de um dos para-choques, respirou aliviada.

Perambulou pela feira, observando os funcionários locais comprarem lanches integrais ou comida étnica nas barraquinhas, olhando de relance advogados reunidos em uma grande mesa de um restaurante italiano caro.

Checando por cima do ombro, ela desapareceu no conforto familiar de uma loja de tecidos. Como sempre, foi atraída pelas estampas infantis. Sereias fluuavam, distraídas, enquanto meninhas encantadas nadavam atrás delas; imaginou um vestidinho simples, com camadas alternando-se entre mares em tons de rosa e roxo.

Henry teria odiado. Engraçadinho, teria dito. Sentimentaloide, teria dito. Bonitinho demais, teria dito. Sem originalidade, teria dito. Cores chapadas são

melhores, teria dito. Talvez isso tenha sido o motivo da separação tanto quanto aquela tentativa fracassada de ter um bebê.

Ela seguiu decidida para o mostruário de linhas e procurou na bolsa o retalho de uma colcha, estampado com fundo verde-musgo e flores cor de carmim. Encontrou o tecido, escolheu a linha que melhor combinava com o fundo e seguiu para o caixa com dois carretéis.

— O que você vai costurar? — perguntou a moça.

Clarissa viu o movimento das pálpebras, tremendo abaixo dos cílios de um tom pálido de marrom, um olhar do qual não conseguiria escapar, a saliva escorrendo dos lábios: flashes da única noite de Rafe em sua cama.

Ela iria exorcizá-lo.

— Uma colcha nova.

O toque desse tecido seria agradável em sua pele. E achou engraçado ter tido um estalo de curiosidade sobre quem algum dia viesse a dormir com ela debaixo das flores cor de carmim.

Segunda-feira, 2 de fevereiro, 14h15.

Estou tentando juntar as coisas. Tentando preencher as lacunas. Tentando me lembrar das coisas que você fez antes desta manhã, quando comecei a anotar tudo. Não quero deixar escapar nenhum resquício de prova — não posso me dar ao luxo de fazer isso. Mas o esforço me obriga a reviver essa história. Mantém você comigo, que é exatamente onde não quero que você esteja.

Segunda-feira, 10 de novembro, 20h. (Três meses antes)

Esta é a noite em que cometi o grande erro de dormir com você, e estou na livraria. Está aberta apenas para os seus convidados, para festejar o lançamento do seu novo livro sobre contos de fadas. Só alguns dos seus colegas do Departamento de Literatura Inglesa apareceram. Quando percebem minha presença, cochicham sobre Henry, venenosos. Finjo não notar, pegando alguns livros e agindo como se estivesse muito interessada neles, embora as palavras me pareçam embaralhadas e quase tão incompreensíveis quanto se estivessem em grego.

Ainda não sei por que vim nem o que está me fazendo misturar as taças de vinho branco e tinto que você me traz. Provavelmente, solidão e perda: Henry acabou de se mudar de Bath para assumir uma posição como professor titular em Cambridge, um cargo que pleiteou a vida toda. Compaixão, também: você me enviou três convites.

Não posso ir embora antes de você terminar a apresentação. Estou sentada na última fila, finalmente ouvindo você recitar o seu capítulo sobre “O teste da verdadeira noiva”. Você termina e seus poucos colegas fazem perguntas educadas. Não sou acadêmica; não digo nada. Assim que os aplausos superficiais terminam, faço um caminho sinuoso em direção à porta a fim de escapar; só para ser detida pelo seu pedido de que eu não saísse ainda. Segui furtivamente para a seção de arte e me sentei no carpete bege encardido com um livro sobre Munch. Abro na imagem de *O beijo*, a primeira versão, em que os amantes estão nus.

Eu claramente me assusto quando sua sombra cobre a página e sua voz corta o silêncio do primeiro andar vazio.

— Se eu não tivesse encontrado você, poderia ficar trancada aqui a noite toda.

Você está de pé à minha frente, olhando para baixo do que parece ser uma altura muito grande e sorrindo.

Fecho rapidamente o Munch e o deixo de lado.

— Não sei se dormir com os artistas teria sido um destino tão terrível.

Agito um exemplar do seu livro grosso como uma atriz exagerando o uso de um objeto de cena. O peso faz meu pulso doer.

— Isso aqui é maravilhoso. Foi muito legal da sua parte me dar um exemplar. E a sua leitura foi brilhante. Adorei o trecho que você escolheu.

— Adorei a pintura que você escolheu, Clarissa. — Você pousa no chão a pasta volumosa que carrega em uma das mãos e as duas taças de vinho que equilibra com a outra.

Eu rio.

— Você está carregando um corpo aí nessa pasta?

Seus olhos se movem rapidamente para o fecho da maleta, para checar se está adequadamente trancada, e me ocorre que você tem segredos que não quer que sejam revelados. Mas você ri também.

— Apenas livros e um monte de papéis — comenta, esticando o braço em minha direção. — Saia do esconderijo. Deixe-me acompanhar você até sua casa. Está muito escuro essa noite para você andar sozinha.

Estendo o braço, aceitando sua ajuda para ficar de pé. Você não me solta. Puxo minha mão delicadamente.

— Vou ficar bem. Não tem que ir para um jantar, Senhor Professor Titular?

— Não sou titular.

Suas pálpebras tremem. Vibram sem parar, rapidamente, como se um inseto minúsculo estivesse escondido por trás delas.

— Foi Henry quem conseguiu a vaga no ano em que me candidatei. Não tive muita chance contra um poeta premiado. Ser chefe de departamento também não o prejudicou.

Henry ter conseguido aquela posição foi algo mais que merecido, mas, é claro, não digo isso.

— Sinto muito. — Após alguns constrangedores segundos de silêncio, completo: — Preciso ir para casa.

Você parece tão arrasado que me dá vontade de consolá-lo.

— É um livro realmente interessante, Rafe — digo, tentando suavizar minha iminente partida. — Deve estar orgulhoso.

Você apanha a garrafa de vinho e me oferece uma taça.

— Um brinde, Clarissa. Antes de você ir.

— Ao seu belo livro.

Encosto minha taça de vinho branco na sua de tinto e dou um gole. Você parece tão satisfeito com esse pequeno acontecimento; isso me comove e me entristece. Vou reproduzir essa cena muitas vezes na minha mente nos meses seguintes, por mais que preferisse evitá-la.

— Beba.

Você engole o vinho de uma vez, como se quisesse me mostrar como se faz.

E sigo seu exemplo, embora este vinho tenha um gosto amargo de remédio. Mas não quero turvar ainda mais sua já apagada celebração.

— Deixe que eu acompanhe você, Clarissa. Prefiro caminhar com você do que ir a um jantar chato.

Um minuto depois, estamos do lado de fora, no ar gelado do final do outono. Mesmo com a cabeça embotada pelo vinho, hesito antes de dizer:

— Você já pensou na primeira mulher do Barba-Azul? Ela não é mencionada especificamente, mas deve ser uma das mulheres mortas penduradas no gabinete proibido.

Você sorri, tolerante, como se eu fosse um dos seus alunos. Você está todo arrumadinho feito um professor americano — não é como se veste normalmen-

te. Blazer de tweed, calças de veludo marrom-claro, camisa listrada de branco e azul, um colete de tricô azul-marinho.

— Explique. — Você dispara a palavra peremptoriamente, do mesmo modo que deve fazer nos seminários de literatura inglesa.

— Bem, se havia um aposento secreto logo no início da história, e ele ordenou que a primeira Sra. Barba-Azul não entrasse nele, ainda não teria nenhuma esposa assassinada lá dentro. Não haveria sangue derramado no gabinete e, conseqüentemente, nada que pudesse manchar a chave e denunciá-la. Então, que motivo ele tinha para matar da primeira vez? Isso sempre me intrigou.

— Talvez ele só tenha surgido com a ideia do gabinete com a esposa número dois. Talvez a esposa número um tenha feito algo ainda mais imperdoável do que entrar na tal sala. A pior forma de desobediência: talvez ela tenha sido infiel, como a primeira esposa em *As mil e uma noites*, e foi por isso que ele a matou. Então, depois disso, ele precisou testar cada uma delas, para ver se eram dignas. Só que nenhuma era.

Você fala isso tranquilamente, como se fosse uma brincadeira.

Eu devia ter percebido, na ocasião, que você não faz brincadeiras. Você nunca é tranquilo. Se eu não tivesse aceitado aquela terceira taça de vinho, talvez tivesse percebido e conseguido evitar tudo o que se seguiu.

— Parece que você acha que ela merecia o que lhe aconteceu.

— Claro que não. — Você fala rápido demais, insistente demais; sinal de que está mentindo. — Claro que não acho isso.

— Mas usou a palavra desobediência. — Estou ficando tonta ou é só impressão? — Essa é uma palavra horrível. E não foi uma promessa justa. Não se pode pedir a alguém que nunca entre num lugar que faz parte da própria casa.

— Homens precisam de lugares secretos, Clarissa.

— Precisam?

Chegamos à Abadia de Bath. A fachada oeste do prédio está iluminada, mas não consigo enxergar direito meus anjos caídos prediletos, esculpidos de cabeça para baixo na Escada de Jacó. A vertigem que começo a sentir deve ser igual à deles, com o mundo de cabeça para baixo.

Você segura meu braço.

— Clarissa? — você me chama, abanando uma das mãos diante dos meus olhos, sorrindo. — Acorde, dorminhoca.

Isso me ajuda a lembrar o ponto de vista que venho tentando defender, embora tenha de me concentrar muito para ao menos conseguir formar as frases.

— Devia haver segredos terríveis naquele gabinete. Era um lugar para as fantasias dele, onde as tornava reais.

Passamos pelas termas romanas. Imagino as estátuas de imperadores, governadores e líderes militares franzindo a testa para mim, do alto de seus pilares, desejando que eu me afogue na grande piscina esverdeada abaixo deles. Sinto gosto de enxofre, como a água mineral da fonte de Pump Room.

— Você sabe mais sobre “Barba-Azul” do que qualquer crítico, Clarissa. Deveria ser a professora. Deveria ter terminado aquele ph.D.

Faço que não com a cabeça. Mesmo depois de terminar o gesto, o mundo continua a girar de um lado para outro. Quase nunca falo sobre ter abandonado o ph.D. Fico me perguntando como você sabe disso, mas paro abruptamente, distraída por um anel na vitrine de uma loja. É um trançado de platina com diamantes brilhando. É o anel com o qual eu sonhava que Henry, um dia, me surpreenderia, mas ele nunca o fez. Focos de luz parecem se agitar dentro das pedras preciosas como o sol reluzindo no mar azul. Pequenas luzes de Natal brancas e douradas rodeiam a vitrine e me ofuscam.

Você me puxa da vidraça e pisco como se você tivesse acabado de me acordar. Quando passamos pelas lojas fechadas e suas construções georgianas em um tom dourado envelhecido, não estou mais andando reto. Seu braço está em volta da minha cintura, guiando-me na direção certa.

Eu mal consigo me lembrar de ter entrado no metrô, mas já estamos subindo a colina íngreme e estou sem fôlego. Você me segura apertado, meio que me carregando. O reflexo dos diamantes e das luzinhas natalinas retornam, pequenos lampejos diante dos meus olhos. Como podemos já estar na porta dessa casa velha, onde moro no andar de cima?

Meu corpo vacila, como se eu fosse uma boneca de pano esquisita. O sangue corre para minha cabeça. Você me ajuda a encontrar as chaves, a subir a escada para o segundo andar, a enfiar mais duas chaves nas fechaduras da porta do meu apartamento. Fico parada ali, cambaleante, sem saber o que fazer.

— Não vai me convidar para tomar um café?

Essa sua pequena sugestão manipuladora, que vai de encontro à minha educação, é infalível. Penso na idiota da Branca de Neve abrindo a porta para a Rainha Má e praticamente tomando a maçã envenenada de suas mãos. Penso em Jonathan Harker atravessando por livre e espontânea vontade a soleira da porta do Drácula. Penso novamente em Barba-Azul e em seu gabinete repleto de sangue. Será que carregou cada nova esposa para o interior de seu castelo após elas terem pulado

alegremente para seus braços? Mais tarde viria a sala de torturas que elas nunca imaginaram.

Tento sorrir, mas meu rosto não parece se mexer como deveria.

— Claro. Claro que vou. Deve entrar para tomar um café e se aquecer um pouco, enquanto chamo um táxi para você. Foi muita bondade sua me acompanhar até aqui na sua noite especial.

Estou tagarelando. Sei que estou tagarelando.

Paro diante da pia, deixando a água encher a chaleira.

— Sinto muito. — Minhas palavras não soam claras, parecem uma língua que mal conheço. — Estou sentindo minha cabeça meio esquisita.

É um tremendo esforço ficar de pé. Sinto-me como se fosse um pão. Ou é minha casa que estaria girando? Meu corpo parece líquido. Flutuo para baixo, minhas pernas dobrando-se num movimento fluido e agradável, até que percebo que estou sentada nos ladrilhos de ardósia de minha pequena cozinha. A chaleira continua em minhas mãos, soltando água pelo bico.

— Estou com muita sede.

Embora as gotículas de água salpiquem meu vestido, não consigo imaginar como colocar um pouco do líquido na boca.

Você encontra um copo e o enche. Ajoelha-se a meu lado, fazendo-me beber como se eu fosse uma criancinha tomando mamadeira. Com o dedo indicador, você colhe uma gota que escorre do meu queixo e a coloca em seus lábios. Ainda seguro a chaleira com as duas mãos.

Você se levanta novamente para pousar o copo e fechar a torneira. Curva-se para pegar a chaleira.

— Fico magoado por achar que não confia em mim. — Posso sentir sua respiração em meu cabelo, enquanto fala.

Você me põe de pé, sustentando meu peso. Minhas pernas mal funcionam enquanto você me leva na direção do quarto. Você me põe sentada na beira da cama e se agacha diante de mim, deixando que me apoie em você para evitar que eu caia para a frente. Não consigo manter as costas retas. Estou em prantos.

— Não — sussurra, alisando meu cabelo e murmurando que ele é muito macio, secando com beijos as lágrimas que escorrem pelo meu rosto. — Deixe eu deitar você na cama. Sei exatamente o que fazer.

— Henry... — tento dizer.

Falar parece algo muito difícil, como se eu tivesse esquecido como se faz.

— Não pense nele. — Você parece irritado. Olha intensamente nos meus olhos, tanto que preciso fechá-los. — A pintura de Munch. Sei que pensava em nós dois, imaginando que estivéssemos juntos. Nós dois estávamos pensando nisso.

Estou completamente mole. Sinto como se fosse feita de ondas. Deslizo para trás. Tudo que eu quero é deitar. Alguma coisa se agita dentro da minha cabeça, feito uma onda. Sinto nos ouvidos o pulsar de um tambor — meu próprio coração, batendo cada vez mais forte.

Suas mãos estão na minha cintura, barriga, quadris, lombar, avançando sobre meu corpo enquanto você solta meu vestido transpassado.

O único homem que eu quis que tocasse nesse vestido foi Henry. Eu o costurei para meu jantar de aniversário, sete meses atrás. Embora nós dois soubéssemos que estava tudo acabado, ele não quis que eu comemorasse trinta e oito anos sozinha. Nossa última noite juntos. Um jantar de despedida, com sexo de despedida. Esse vestido nunca teve nada a ver com você.

Estou tentando afastá-lo, mas meus esforços têm o mesmo impacto dos de uma criança. Você puxa o resto do vestido, deslizando-o pelos meus ombros. Então o quarto parece tombar, e tudo que se segue é obscuro. Imagens despedaçadas de um pesadelo que não quero lembrar.

Ela estava tão absorta escrevendo que o estalo do microfone do funcionário do tribunal acabou fazendo escorregar de suas mãos a caneta, que rolou pela área silenciosa onde estava sentada.

— As pessoas a seguir, por favor, queiram se aproximar à bancada para o julgamento que está prestes a começar no tribunal 12.

Seu nome foi o primeiro a ser chamado, dando-lhe um susto como se tivesse levado um choque. Ela enfiou o caderninho de anotações na bolsa como se o objeto fosse a prova de um crime, algo com o qual não queria ser vista.

Dois minutos depois, estava correndo com os outros atrás do oficial de justiça. Uma porta pesada abriu-se de repente, e eles estavam nas profundezas do prédio, subindo vários lances de uma escada de concreto fria, com correntes de ar, percorrendo o linóleo de uma sala de espera pequena e superiluminada, depois tropeçando por outra porta. Piscou várias vezes ao se dar conta de que estavam na sala do tribunal. Seu nome foi chamado novamente e ela se instalou na fila de trás.

Henry teria recusado a Bíblia, mas Clarissa pegou-a com o oficial de justiça sem vacilar. Embora sua voz soasse fraca, ela pretendia cumprir cada palavra do juramento.

Sentada ao lado estava uma mulher gordinha, de cabelo preto, usando um colar com seu nome em ouro branco: *Annie*. Como se através de uma névoa, Clarissa olhou mais à direita, onde cinco réus estavam sentados a apenas alguns metros, rodeados por policiais. Annie observava os homens com interesse evidente, como se quisesse que eles notassem seu olhar.

O juiz dirigiu-se aos jurados.

— Este julgamento durará sete semanas.

Sete semanas. Nem em sonho imaginou que teria tanta sorte.

— Se alguém tiver algum motivo de força maior que o impeça de servir a este júri, por favor, entregue um aviso ao oficial de justiça antes de ir embora. Amanhã, a Coroa fará seus comentários iniciais.

Ela tateou à procura da bolsa, puxou a saia para baixo ao se levantar, para ter certeza de que não tinha subido, e seguiu cambaleando atrás dos outros. Ao passar pelo banco dos réus, notou que, se ela e o acusado mais próximo esticassem o braço, quase poderiam se tocar.

Arrancou as luvas ao embarcar no trem, encontrou o último assento vazio e pegou o celular. Uma onda de mal-estar percorreu seu corpo. Quatro mensagens. Uma de sua mãe. As outras eram de Rafe. Na verdade, ele precisou se controlar muito para conseguir parar na terceira mensagem.

Ela não sorriu, como normalmente faria, quando leu a da mãe — *Só café não é café da manhã*. Não conseguiria se acostumar àquelas curtas mensagens seguidas que ele mandava, por mais inofensivas que pudessem parecer a qualquer outra pessoa.

Espero que esteja dormindo. Espero que esteja sonhando comigo.

Minhas ligações continuam caindo na sua caixa postal. Vou ligar mais tarde.

Você vai precisar de sucos, frutas e coisas com vitaminas. Vou ao seu apartamento.

Ela queria uma amiga a quem pudesse recorrer, a quem pudesse mostrar as mensagens; queria uma amiga que lhe dissesse o que fazer. Costumava ter amigas antes de Henry e os tratamentos de fertilidade tomarem conta de sua vida; antes que deixasse um homem casado largar a esposa por ela; antes de outras mulheres deixarem de confiar nela; antes de perceber que era duro demais enxergar a desaprovação em seus rostos e ver a própria perplexidade do que fizera espelhada neles.

Henry e as amigas dela não se davam bem, mas, mesmo assim, ela deveria ter encontrado um jeito de obedecer àquela regra primordial, a tal que diz que você

nunca deve deixar um relacionamento interferir em suas amizades. Agora Henry se foi, e Clarissa sentia-se envergonhada demais para procurar as amigas novamente. Nem mesmo tinha certeza se as merecia, ou se elas a tinham perdoado.

Pensou na mais antiga delas, Rowena, a quem não via fazia dois anos. As mães das duas tinham se conhecido na maternidade, aninhando seus bebês recém-nascidos enquanto olhavam o mar das janelas do último andar do hospital. Elas brincavam juntas quando crianças. Frequentaram o mesmo colégio. Mas Rowena foi mais uma amiga que não se deu bem com Henry. Contudo, ambas haviam crescido e se tornado pessoas tão diferentes que talvez Henry tivesse apenas apressado um rompimento inevitável.

Tentou não sentir pena de si mesma. Precisava se esforçar mais em fazer novas amizades. E, se não tivesse amigas a quem pedir conselhos, no momento, pelo menos tinha os serviços de ajuda psicológica pelo telefone; os folhetos informativos chegaram no sábado, apenas um dia após ela ter ligado para lá.

Clarissa enviou uma mensagem para ele em resposta. *Não venha. Não quero ver você. Muito contagioso.*

Assim que apertou enviar, arrependeu-se. Lembrou-se do aviso que cada folheto repetia diversas vezes. *Se possível, não fale com ele. Não mantenha nenhum tipo de contato.* Ela sabia que as amigas que havia perdido também teriam dito aquilo.

Clarissa desejou não ter lhe dado o número do celular. Nada mais havia funcionado para se livrar dele na manhã após o lançamento do livro. Nem vomitar no banheiro, fazendo barulho suficiente para que ele ouvisse. Nem tomar três analgésicos, bem na frente dele, numa tentativa de que sua cabeça latejasse menos. Nem mesmo sua visível tremedeira o fez perceber que ela estava tão indisposta que ele precisava ir embora. Dar seu telefone tinha sido o último recurso para fazer com que ele a deixasse em paz — se ao menos ela tivesse tido a ideia de inventar um número falso. Mas estava passando muito mal para raciocinar direito.

Ligou para Gary. Motivo de força maior, dissera o juiz. O que poderia ser isso? Gravidez, talvez. Ou amamentação. Ela não tinha nenhum motivo de força maior. Um chefe que ficaria ligeiramente incomodado com sua ausência não era um motivo de força maior.

Clarissa tentou parecer chateada, como se algo chocante lhe tivesse acontecido.

— Pensei que seriam apenas nove dias. Duas semanas, no máximo. Era o que dizia todo o material que nos mandaram, mas, de algum modo, fui escolhida para um julgamento de sete semanas. Sinto muito.

— Não lhe deram uma chance de dizer que não podia? Você é fundamental para esta universidade.

Ela não conseguiu segurar uma risada.

— Não sou, não. Não como doutores ou professores. Nem mesmo eles escapam deste tipo de coisa. Nem sequer juízes. A secretária do chefe da graduação dificilmente é uma funcionária essencial... embora, é claro, eu esteja comovida com sua incomparável visão sobre a importância do meu cargo.

— Mas você não respondeu à minha pergunta. — Em raras ocasiões, Gary conseguia adotar um tom de voz sério, de chefe, com ela. — Não lhe deram uma chance de se livrar disso?

Ela não se sentiu mal por mentir.

— Não.

Estava em casa; o trem estava parando em Bath. Sua pele formigou, normalmente um alerta infalível de que estava sendo vigiada, mas sabia que Rafe não estava no vagão. Também não conseguia vê-lo na plataforma.

— Não, não deram.

DEVERIA HAVER UM MUNDO
ONDE **VOCÊ** NÃO EXISTISSE.
EU GOSTARIA DE VIVER NELE.

"Brutal e absurdamente tenso, *Eu sei onde você está* anuncia a chegada de um novo talento, uma escritora que não tem medo de invocar pesadelos nem de expor de maneira crua os medos de uma mulher."

Daily Mail

"Fascinante."

The New York Times Book Review

"O livro de estreia de Claire Kendal é um relato vibrante sobre obsessão e um amor perigosamente não correspondido. A tensão se desenrola até um final impressionante."

Library Journal

"Um *thriller* que lança mão dos aspectos mais violentos e sádicos dos contos de fadas para explorar os relacionamentos modernos."

Los Angeles Times

ISBN 978-85-510-0154-7



www.intrinseca.com.br